



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA**

LÍVIA MAYARA MENDES MELO ROCHA

**O ENTRE-LUGAR DE HEMA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA DOS
CONTOS DA SEGUNDA PARTE DE *TERRA DESCANSADA*, DE JHUMPA LAHIRI**

**GUARABIRA - PB
2024**

LÍVIA MAYARA MENDES MELO ROCHA

**O ENTRE-LUGAR DE HEMA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA DOS
CONTOS DA SEGUNDA PARTE DE *TERRA DESCANSADA*, DE JHUMPA LAHIRI**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Letras-Inglês
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de graduada.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. José Vilian Mangueira

**GUARABIRA - PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672e Rocha, Livia Mayara Mendes Melo.

O entre-lugar de Hema: [manuscrito] : uma análise da personagem feminina dos contos da segunda parte de "Terra descansada", de Jhumpa Lahiri / Livia Mayara Mendes Melo Rocha. - 2024.

17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Mangueira, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Hema. 2. Pertencimento. 3. Identidade. 4. Cultura. I.
Título

21. ed. CDD 810

LÍVIA MAYARA MENDES MELO ROCHA

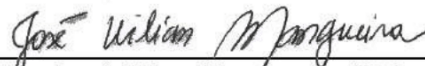
**O ENTRE-LUGAR DE HEMA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA
DOS CONTOS DA SEGUNDA PARTE DE *TERRA DESCANSADA*, DE
JHUMPA LAHIRI**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a/ao
Coordenação /Departamento do
Curso de Letras-Ingês da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduada.

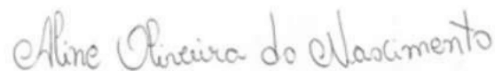
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 26 / 06 / 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Vilian Manguieira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Aline Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jenison Alisson dos Santos
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	LITERATURA PÓS-COLONIAL: CULTURA E IDENTIDADE	7
3	A IDEIA DE PERTENCIMENTO/NÃO-PERTENCIMENTO	9
4	ENTRE-LUGAR: DA PERSONAGEM EM ANÁLISE	12
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
	REFERÊNCIAS	16

O ENTRE-LUGAR DE HEMA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA DOS CONTOS DA SEGUNDA PARTE DE *TERRA DESCANSADA*, DE JHUMPA LAHIRI 2009

IN-BETWEEN OF HEMA: AN ANALYSIS OF THE FEMALE CHARACTER FROM THE SHORT STORIES OF THE SECOND PART OF *UNACCUSTOMED EARTH* BY JHUMPA LAHIRI.

Rocha, Livia Mayara Mendes Melo¹
Mangueira, José Vilian²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar uma análise da personagem Hema do livro *Terra Descansada*, focando nas representações de pertencimento e não pertencimento. A pesquisa foi conduzida por meio de uma análise qualitativa de cunho bibliográfico, utilizando trechos do livro de Lahiri (2009) e referências de estudos científicos anteriores que abordam o pertencimento, a identidade e o entre-lugar, tais como Sousa (2021), Samovar, Moriconi (2014), entre outros. Dessa forma, foi possível compreender de maneira mais assertiva a personagem Hema, bem como os obstáculos e as incertezas que envolvem personagens que transitam entre diferentes culturas.

Palavras-Chave: Hema, Pertencimento, Lahiri, Cultura.

ABSTRACT

This study aims to present an analysis of the character Hema from the book *Unaccustomed Earth*, focusing on the representation of belonging and non-belonging. The research was conducted through a qualitative analysis of a bibliographic nature, using excerpts from Lahiri's (2009) book and references from previous scientific studies that address belonging, identity, and the in-between, such as, Sousa (2021), Samovar, Porter, Moriconi (2014), among others. Thus, it was possible to understand the character Hema in a more assertive way, as well as the hindrances and uncertainties that involve characters who move between different cultures.

Keywords: Hema, Belonging, Lahiri, Culture.

¹ Graduada em Letras-Ingês Universidade Estadual da Paraíba; Guarabira, PB. Campus III. E-mail livia.rocha@aluno.uepb.edu.br

² Professor do Departamento de Letras; Universidade Estadual da Paraíba; Guarabira, PB. Campus III. E-mail vilianmangueira@servidor.uepb.edu.br

INTRODUÇÃO

O ponto de partida desse estudo surgiu das atividades desenvolvidas durante nossa participação como bolsista do projeto de Iniciação Científica, intitulado “Os detritos privados da vida: relações de pertencimento em três contos de *Terra descansada*, de Jhumpa Lahiri”. Por meio de leituras, debates e análises, foi possível desenvolver diversas linhas de pensamento, inclusive esta que constitui a proposta deste estudo com enfoque na análise de pertencimento, cultura e identidade. As reuniões do PIBIC foram realizadas presencialmente na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III, durante as quais o texto literário foi discutido e estudado de forma analítica. Posteriormente, os encontros foram embasados em respaldos teóricos provenientes de estudos sobre a obra. Este projeto foi conduzido ao longo do segundo semestre de 2022 até o segundo semestre de 2023, sob a orientação do professor José Vilian Mangueira.

De modo geral, discutir aspectos culturais em pesquisas científicas é um desafio complexo, porém pertinente para as descobertas acadêmicas. Por esse viés, é inerente ao pesquisador compreender a diversidade cultural existente em determinada criação artística. No ramo literário, por meio do texto, podemos acessar diversas culturas e refletir sobre diferentes formas de viver e ver o mundo. Por exemplo, para citar alguns textos conhecidos, o livro de contos *No seu pescoço* (2009) de Chimamanda Ngozi Adichie; o romance *A cor púrpura* (2009) de Alice Walker; e o conto “Bons conselhos são mais raros que rubis” () de Salman Rushdie, entre outros, apresentam nuances que conectam o leitor ao texto, com enfoque em questões culturais e de pertencimento raciais.

Neste sentido, elucidamos a obra *Terra Descansada* (2009) para trazer discussões analíticas acerca do choque de culturas com foco na personagem Hema. O livro mencionado está dividido em duas partes distintas. A primeira parte é composta pelos contos “Terra descansada”, “Inferno-Céu”, “Opções de acomodação”, “Só bondade” e “Da conta de ninguém”. Já a segunda parte se divide em três contos intitulados “Uma vez na vida”, “Fim de ano” e “Em terra”. Estes últimos contos possuem uma característica diferenciada: são três narrativas sequenciais que apresentam as relações dos dois protagonistas – Hema e Kaushik.

O livro foi publicado por Jhumpa Lahiri em 2008. Ela é uma escritora estadunidense de ascendência indiana, conhecida por suas narrativas que exploram a identidade e a experiência de imigrantes. Ganhou o Prêmio Pulitzer por sua coletânea *Intérprete de Males* (1999). Atualmente, ela é professora na Universidade de Princeton e também traduz obras literárias para o inglês. Diante disso, podemos compreender que sua obra reflete diretamente com suas vivências pessoais, consequentemente influenciando de forma significativa sua escrita. No livro *Terra Descansada*, a imagem dos imigrantes é vividamente apresentadas através dos seus oito contos, expressando a ansiedade, a dor e o medo dos personagens imigrantes indianos/bengalis apresentados nas diferentes narrativas. Esta obra de Jhumpa Lahiri(2009), levando em conta o que apresenta o crítico Antonio Candido (1995) usando fala sobre o papel de humanização da Literatura, oferece ao leitor uma perspectiva íntima e humana que proporciona uma compreensão profunda das experiências e desafios daqueles que procuram novas vidas em outros países.

Com relação aos enredos apresentados na segunda parte do livro *Terra descansada* - foco da presente pesquisa -, destacamos que “Uma vez na Vida” é um conto narrado em primeira pessoa pela perspectiva de Hema quando ela ainda era uma criança. No decorrer da história, a personagem conta sobre sua infância quando

a família de Kaushik retornam aos Estados Unidos após anos vivendo na Índia. Este encontro das famílias gera tensões devido às mudanças culturais que ambas enfrentam, resultando em choques culturais entre elas. E, além disso, os choques culturais de Hema com a sua mãe por conta de sua criação estar sendo indiana – dentro do contexto de sua casa – e americana no que é exterior à sua residência. No conto “Fim de Ano” temos o foco narrativo voltado para Kaushik e suas experiências durante a volta para casa para se encontrar com seu pai, após anos da morte de sua mãe. Já no conto “Em Terra” podemos acompanhar as perspectivas de Hema e Kaushik em uma narrativa que ambos são adultos.

Desta forma, na segunda parte do livro *Terra Descansada* Hema é apresentada como uma personagem que se encontra entre duas culturas de forma conflituosa e desafiadora. Nascida e criada nos Estados Unidos, ela enfrenta constantemente desafios e questões sobre quem ela é e a que lugar pertence. Enquanto tenta conciliar as expectativas da sua família indiana com a cultura, os valores e o estilo de vida americanos, Hema encontra-se num constante estado de conflito interno.

Conseqüentemente o seu percurso é marcado por momentos de autodescoberta e reflexão, à medida em que procura compreender e abraçar diferentes partes da sua identidade cultural. A dualidade entre as suas origens e a influência da sua educação cria uma situação complexa, acarretando na necessidade de Hema se isolar de tudo. Porém, de forma hábil, é no choque de culturas que ela encontra a oportunidade de crescer e aprender, descobrindo aos gradativamente como conciliar os dois mundos que tanto fazem parte de quem ela é.

Diante da leitura que desenvolvemos aqui, destacamos a importância da escrita literária para ter acesso e compreender a construção identitária cultural na personagem Hema. Desse modo, questionam-se neste estudo as implicações da protagonista transitando entre a cultura americana e a cultura indiana e os impactos na progressão da personagem na obra de Lahiri (2009). De modo geral, buscamos ressaltar, nesta pesquisa, conhecimentos que envolvam esse embate de culturas na formação da personagem.

Definir cultura torna-se um desafio, porém é algo necessário para o desenvolver deste trabalho. De modo geral, a grande dificuldade em se encontrar uma definição está no fato de o termo cultura perpassar, ao longo do tempo, por diversas definições a depender do contexto que foi escrito. No entanto, buscamos entender cultura neste processo como

[...] um conjunto de elementos objetivos e subjetivos criados pelo homem que no passado aumentaram a probabilidade de sobrevivência e resultaram em satisfação para os participantes de um nicho ecológico, e assim foram compartilhados entre aqueles que podiam se comunicar entre si porque tinham um objetivo, uma língua em comum e viviam no mesmo tempo e lugar. (Samovar; Porter; McDaniel; Roy, 2017, p. 39, tradução nossa)

Em suma, entende-se que o meio no qual o sujeito está inserido resulta em seus valores, sua identidade e suas tradições. Portanto, assumimos neste trabalho o objetivo geral de analisar a personagem Hema e sua transição entre diferentes culturas, conforme retratado nos contos da segunda parte do livro *Terra Descansada*. Para tal objetivo, procuramos discutir como a protagonista feminina se relaciona com a sua família. Além disso, iremos debater os impactos do choque cultural na vida da personagem e, por fim, compreender as relações de pertencimento a partir de uma análise subjetiva da personagem.

A metodologia empregada neste estudo foi de natureza descritiva-interpretativa, utilizando tanto o texto literário quanto textos científicos como base de análise. O livro *Terra Descansada*, de Jhumpa Lahiri, na edição de 2009 publicada pela Companhia das Letras, foi objeto de estudo. Nesse sentido, a personagem é o elemento central da análise, pois é por meio dela que se busca atribuir significado ao tema proposto. Para tanto, foi conduzido um estudo qualitativo, seguindo a abordagem descrita por Gil (2002), que se dedica à compreensão subjetiva e interpretativa de um tema em uma pesquisa científica.

Além disso, é importante ressaltar o caráter bibliográfico deste estudo, de acordo com Marconi e Lakatos (2003):

abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (2003, p. 183)

A análise realizada envolveu a seleção de fragmentos da obra literária em consonância com os artigos lidos, utilizando uma metodologia de natureza qualitativa, com o propósito de elucidar resultados por meio das discussões com as vozes dos pesquisadores utilizados na construção desse estudo. O principal objetivo desta escrita foi realizar uma leitura interpretativa da narrativa, com ênfase na maneira como o livro retrata os desacordos culturais da diáspora indiana vivida por Hema.

Assim, para a realização deste estudo, recorreremos ao arcabouço teórico dos estudos de Sousa (2021); Samovar; Porter; McDaniel; Roy (2017); Moriconi (2014) entre outros.

2. LITERATURA PÓS-COLONIAL: CULTURA E IDENTIDADE

O contato dos sujeitos com a literatura é importante para compreender a cultura e a identidade de diferentes povos, pois através das narrativas possível descobrir as nuances culturais, valores e visão de mundo de uma voz que destaca ou representa uma coletividade. Segundo as propostas da crítica literária que explora a relação Literatura e Sociedade, como bem apresenta Antonio Candido (2000), a literatura expressa as experiências e os problemas da sociedade, revela seus costumes, crenças e conflitos. Ao examinar obras de diferentes culturas, como no livro *Terra descansada*, ampliamos a nossa compreensão do mundo e desenvolvemos a capacidade de alteridade, reconhecendo a diversidade de histórias que moldam os personagens e, por consequência, moldam as pessoas. Assim, “a literatura, contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade” (Eco, 2003, p. 11).

As produções literárias movimentam a sociedade em paralelo daquilo que é fictício e criado com aquilo que é real. É nessa premissa que buscamos evidenciar, através de Hema, os diálogos existentes por meio da literatura que aborda a cultura indiana. Portanto, “A Literatura Inglesa [de origem] Indiana vem sob o gênero da literatura chamada literatura pós-colonial, uma vez que a Índia já foi um país colonizado” (Verma, 2012, p. 761 *apud*. Almeida, 2019, p.17). A importância da literatura pós-colonial de origem indiana reside em sua capacidade de oferecer perspectivas diversas sobre a história, cultura e identidade do país após o período de colonização.

De modo geral, a literatura pós-colonial proporciona uma visibilidade para as vozes marginalizadas e subalternas, permitindo a expressão de experiências e narrativas que foram muitas vezes silenciadas durante o domínio colonial. Ao explorar temas como nacionalismo, identidade cultural, descolonização e resistência, a literatura pós-colonial promove uma compreensão significativa das complexidades do legado colonial e do processo de construção de uma nação e, também, de um povo em terrenos que não são as raízes dos autores quem as escreve.

O diálogo intercultural desse tipo de literatura ajuda na construção de uma consciência global mais inclusiva, ao desafiar visões eurocêntricas da história e da sociedade. Acerca da literatura pós-colonial, existem inúmeras discussões conceituais que envolvem essa terminologia. Sendo assim, compreendemos nesse estudo que a literatura pós-colonial “[...] pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre o século XV e XX” (Bonnici, 1998, p. 9). Assim, a

literatura pós-colonial (também literatura pós-colonial, Nova Literatura Inglesa e Novas Literaturas Inglesas): é um corpo de escrita literária que responde ao discurso intelectual de Colonização europeia do Oriente Médio, Ásia e África. A literatura pós-colonial aborda os problemas e consequências da descolonização de um país e de uma nação, especialmente a independência política e cultural de povos coloniais anteriormente subjugados [...] (Gholipour; Sanahmadi, 2013, p.55)

Alinhado ao pensamento proposto neste estudo, Bonnici (2013, p. 16) afirma que “nesse contexto, pode-se dizer que a ‘identidade’ [é] um dos temas da literatura feminista pós-colonial”, o se torna um mote que se alinha à construção da personagem Hema na análise proposta. Consoante a isso, Bonnici (1998) ressalta, a partir da perspectiva de Parry (1987), que esse tipo de pensamento literário envolve questionamentos sobre as tensões culturais dos países colonizadores e dos países colonizados, logo, a literatura busca a “[...] criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos, para a recuperação da história [...]” Bonnici (1998, p. 10). Em suma, observa-se a literatura como a voz dos escritores que representam os povos considerados páreos. Por esse viés,

Os textos literários não somente dizem explicitamente aquilo que nunca poderemos colocar em dúvida mas, à diferença do mundo, assinalam com soberana autoridade aquilo que neles deve ser assumido como relevante e aquilo que não podemos tomar como ponto de partida para interpretações livres. (Eco, 2011, p. 13)

À vista disso, a discussão empregada sobre literatura, a pós-colonial em específico, exalta os termos “identidade” e “cultura”. No livro *Terra Descansada*, a identidade e a cultura das famílias de origem indiana são exploradas de maneira profunda. Através das narrativas, a autora oferece *insights* sobre as relações familiares e o desafio de se adaptar em uma terra diferente daquela de origem inicial das raízes familiares, a qual molda a experiência contemporânea de Hema. Esse olhar para a obra de Jhumpa Lahiri oferece uma compreensão mais abrangente e sensível da complexa herança cultural desse povo, possibilitando estudar as complexidades que envolvem a identidade da protagonista feminina.

Nesta perspectiva, de acordo com T. S. Eliot (1988, p. 33), “é que a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence este grupo ou classe”. Esta

citação destaca a correlação entre a cultura individual, a cultura de grupos e a cultura da sociedade como um todo. Mostra que a cultura de um indivíduo é moldada pela cultura do seu grupo social, que, por sua vez, é influenciada pela cultura mais ampla da sociedade em que vive, destacando a complexidade das interações culturais e sociais.

As ramificações culturais exercem influência significativa nas experiências dos personagens, refletindo-se de maneira análoga à realidade. Essa influência age como catalisador na formação da identidade das personagens, evidenciando a confusão das interações entre culturas distintas, experiência pessoal e construção de identidade. Por essa razão, este estudo torna-se um caminho para discutir tais elucidações identitárias e culturais por meio da personagem Hema. Na próxima seção, abordaremos a questão do pertencimento e da diáspora indiana como forma de consolidar a discussão em desenvolvimento.

3. A IDEIA DE PERTENCIMENTO/NÃO-PERTENCIMENTO

Partindo da premissa de que a personagem Hema enfrenta o conflito de compreender sua identidade em meio às tradições indianas e aos costumes americanos, esta seção visa discutir as concepções de pertencimento e diáspora. Tal análise constitui um fundamento essencial para compreender subjetivamente o modo como a escritora Jhumpa Lahiri (2009) retrata Hema em sua obra.

Dessa forma, a literatura abarca uma multiplicidade de temas que vão além das narrativas convencionais, incorporando elementos da geográficos, históricos e filantrópicos. Assim, fornecendo uma perspectiva ímpar sobre acontecimentos diversos. Essa diversidade de abordagens demonstra o papel dinâmico e multifacetado da literatura como uma ferramenta para compreender e refletir sobre o mundo ao nosso redor.

Carlos Ribeiro-de-Sousa (2021) apresenta, em seu artigo “Pertencimento/não pertencimento” Franz Kafka: um exemplo a ser lembrado”, um panorama que corresponde a diversos estudos que buscam solidificar o conceito de pertencer e não-pertencer. Visto isso, é denominado em um recorte de seu texto que esse conceito é,

Assim, o sentimento de "pertencimento" implica em acolhimento, proporcionando uma identidade coletiva que fortalece o eu individual e contribui para o equilíbrio psíquico. Por outro lado, o "não pertencimento" é caracterizado por sentimentos de desenraizamento, exclusão, rejeição e isolamento, os quais, em situações extremas, podem comprometer a construção e as funções do ego (Celeste, 2021, p. 64 apud. Sousa, 2021, p. 64).

Na conjuntura apresentada na obra de Jhumpa Lahiri (2009) aqui analisada, observa-se Hema oscilando entre o sentimento de pertencimento e não pertencimento. Esta dualidade reflete uma busca por compreensão do seu lugar, ora sentindo-se integrada, ora excluída. Essa dinâmica evidencia a complexidade de sua identidade e sua relação com as diferentes esferas culturais que permeiam sua vida. Torna-se perceptível tais questões à medida que Lahiri (2009) explora em sua obra as vestimentas da personagem em análise no conto "Uma vez na vida", como evidenciado no excerto a seguir:

Nessa noite, eu estava usando um traje que minha avó havia mandado de Calcutá: uma calça branca larga, afinilada nas pernas e com a cintura ampla o suficiente para comportar duas de mim, um *kurta* azul-turquesa e colete de

veludo preto bordado com pérolas de plásticos. [...] Lembro-me de reclamar disso, de querer vestir outra roupa (Lahiri, 2009, p. 255-256)

A partir desse excerto, é possível discernir que Hema, em sua infância, iniciou uma reflexão sobre suas vestimentas de estilo indiano, embora não se sentisse à vontade ao utilizá-las. Tal contexto é atribuído ao fato de sua família receber convidados indianos, o que demandava o uso dessas roupas específicas.

A personagem em análise enfrenta o desafio de conciliar as origens indianas de seus pais com sua experiência no contexto americano, o que gera um estado de transitoriedade em relação ao seu sentimento de pertencimento. Esta ambiguidade de pertencer e não pertencer reflete não apenas as tensões entre culturas, mas também questões internas de identidade e auto aceitação.

Na ótica de Moriconi (2014), “Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e conseqüentemente se identifica com aquele local [...] pois aquele ambiente faz parte da vida dela, é como se fosse uma continuação dela própria.” A citação anterior destaca a conexão profunda entre uma pessoa e seu ambiente, onde ela se sente parte integrante e identificada com uma comunidade ou lugar. No contexto de Hema nos três contos de Jhumpa Lahiri (2009) aqui analisados, vemos essa dualidade de pertencimento. Assim, temos:

Fui forçada a usar os seus suéteres, as suas galochas nos dias de chuva. [...] Nunca me acostumei a ter de prender o zíper do lado direito, a ser tão diferente das outras meninas da minha sala, com seus casacos fofinhos cor-de-rosa e roxos. Quando pedi a meus pais para ganhar um casaco novo, e eles disseram não. Um casaco era um casaco, disseram.” (Lahiri, 2009, p. 258-259)

A primeira observação nesta citação é o emprego do termo forçada, que pode ser interpretado subjetivamente a partir do contexto do fragmento mencionado anteriormente. A personagem vivencia essa dualidade ao vestir as roupas de Kaushik, mesmo sem concordar plenamente, aceitando, portanto, a imposição de seus pais. Ela, no entanto, não compreende as razões subjacentes a tal imposição. Em outras palavras, o ambiente doméstico é plenamente indiano, enquanto que, ao sair de casa, ela se depara com a realidade cotidiana americana, a qual lhe provoca inquietações acerca do comportamento de seus pais. Portanto, percebe-se, um pertencimento forçado.

Hema, assim como outros personagens de Lahiri (2009), vive entre duas culturas, a indiana e a americana. Em certos momentos, ela se sente profundamente ligada à sua herança indiana, compartilhando tradições, valores e um senso de pertencimento com sua comunidade de origem, como fica evidente no uso de certas vestimentas, nos alimentos consumidos e na língua falada em casa. No entanto, quando está imersa na sociedade americana, Hema também busca se identificar e se enraizar nesse novo ambiente, encontrando conexões e construindo uma identidade dupla ou sofrendo por não se ver completamente parte do mundo que a cerca.

Por esse diálogo abordado no parágrafo anterior, observa-se no trecho “[m]inha mãe considerava a ideia de uma criança dormir sozinha um hábito norte-americano cruel e portanto não o incentivava, mesmo que tivéssemos espaço. [...] Mas eu sabia que não era normal, que não era o que meus amigos da escola faziam, e que eles gozariam da minha cara se soubessem.” (Lahiri, 2009, p. 262), sendo assim, a citação reflete um conflito cultural e uma sensação de inadequação da perspectiva da criança. Hema percebe que essa prática é comum entre seus colegas de escola e teme ser

ridicularizada por eles se souberem que ela não dorme sozinha. Isso destaca a tensão entre os valores culturais da família e a pressão para se conformar aos padrões sociais do ambiente escolar e atender às solicitações dos pais dela.

A narrativa parece ressaltar que a protagonista feminina dos contos se sente pertencente tanto à Índia quanto à Estados Unidos, pois ambos os ambientes fazem parte de sua vida e contribuem para sua jornada de autodescoberta. O pertencimento, nesse sentido, não se limita a um único lugar físico, mas é uma expressão da complexidade da identidade humana e das múltiplas influências que a moldam. Dentro dessa perspectiva, cabe ressaltar que a identidade, por mais influências que ela carregue, não pode ser apagada. Assim,

A identidade é construída durante todo o decorrer da vida, e ela é passível de mudanças de acordo com os momentos e fases que cada um vive. Porém isso não significa que de repente eu esquecerei minha identidade e me tornarei totalmente diferente, como se com a renovação eu estivesse começando sempre do “ponto zero” da nossa vida (Moriconi, 2014, p. 15).

Por este viés, ressaltamos que pertencer/não-pertencer são termos que estão pareados com a identidade e as subjetividades de um indivíduo. Ainda, na concepção da autoria supracitada, o pertencimento, que por vezes é negligenciado de forma a anular as características e peculiaridades de um indivíduo, deve ser resgatado, uma vez que são importantes na formação de valores e atitudes das pessoas. Por vez,

O pertencimento cria uma identidade no indivíduo que fará com que ele, inserido dentro de uma comunidade e um contexto específico, se empenhe para que coletivamente lute por uma sociedade mais justa. Isso levará as pessoas a refletirem mais sobre a vida e o ambiente, criando um pensamento mais crítico e reflexivo dentro de uma perspectiva emancipatória. (Moriconi, 2014, p. 21)

Logo, é inevitável não relacionar esta discussão ao processo migratório que muitas pessoas vivenciam em suas jornadas. Por essa perspectiva, dialogamos com os temas cultura, identidade, pertencimento e não-pertencimento à diáspora. Compreendemos o conceito de diáspora como um deslocamento necessário, objetivando alcançar uma vida melhor e digna. Dessa maneira, a natureza daquilo que apresenta dois aspectos distintos torna a diáspora e o pertencimento objetos de construção e de guerrilha. Isso significa dizer que “[p]ara os sujeitos da diáspora, a ambivalência faz parte do próprio processo de tentar ocupar um espaço marcado pelo trânsito entre culturas distintas que podem entrar em conflito” (Almeida, 2019, p. 22).

Nesta discussão, o sujeito da diáspora, aqueles que foram dispersos de sua terra natal, vivenciam essa dualidade constante, sentindo-se divididos entre a sua origem e a realidade a qual foram inseridos e/ou se inseriram. Neste ponto, os conflitos internos e externos são aflorados devido a um contexto multicultural e de gerações diferentes - exemplo de Hema e seus pais. Isso nos leva a analisar a personagem entre duas realidades distintas e o fardo de carregar em si duas culturas.

4. O ENTRE-LUGAR DA PERSONAGEM EM ANÁLISE

“Entre-lugar” nos estudos culturais refere-se ao estado ou posição de estar entre duas culturas distintas. O termo foi criado pelo teórico Homi Bhabha (2003), um dos mais relevantes estudiosos dedicados às discussões sobre o Pensamento Pós-colonial. Segundo Bhabha, o entre-lugar explora o “cruzamento de figuras” e, também,

de imagens, que são frutos de nosso mundo moderno, que se materializam em “movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem – aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para frente e para trás” (Bhabha, 2023, p.19). De modo geral, esse termo está ligado ao fato de um determinado indivíduo estar inserido em mais de uma cultura ao mesmo tempo. Esse conceito é utilizado para descrever a situação, por vezes delicada, dos sujeitos que vivem internamente e externamente com fronteiras entre duas realidades carregadas de valores distintos. Essas pessoas podem experimentar uma sensação de ambiguidade ou ambivalência em relação à sua identidade cultural, navegando entre as normas, valores e práticas de diferentes grupos culturais; porém, “o entre-lugar causa um desgaste psicológico muito grande para os sujeitos diaspóricos, que na maioria das vezes, fazem comparações entre as duas culturas” (Almeida, 2019, p. 23).

Nesta premissa Hema vive esse desgaste, além de ser a representação dessa dualidade cultural que a coloca o “entre-lugar”, entre a cultura do país de origem dos pais e os Estados Unidos, onde ela nasceu e mora. Desse modo, sua identidade está enraizada no espaço de “lá” – deixado pelos pais delas, mas mantido presente na casa onde moram; e o de “cá” – o país de seu nascimento e crescimento. Ao logo do enredo, vemos a protagonista se equilibrando entre estes dois mundos. Essa dualidade cria um espaço liminar onde Hema se encontra constantemente negociando entre suas raízes culturais e a necessidade de se adaptar a um ambiente diferente. As palavras de Débora Pereira Miranda de Almeida definem bem esta situação:

Para um sujeito que vive no entre-lugar esse estado desconstrutivo é a forma com que esse sujeito muda de paradigmas, ou seja, ele pode modificar seus pensamentos, sua identidade, através dos significados que passa a possuir, construindo, desse modo, novos significados (Almeida, 2019, p. 20).

Essa dinâmica apresentada na citação é convidativa ao sujeito revisar os seus pensamentos e, de certa forma, recriar o seu viver. Nessa perspectiva, será incorporado novos elementos culturais que ora trarão aconchego para o sujeito diaspórico e ora trarão desconforto ao ter os seus valores afrontados dentro de uma comunidade que talvez não entenda a herança cultural de um povo - nesse contexto, o do país de seus pais.

No trecho apresentado a seguir, é possível observar Hema exercendo sua transitoriedade cultural: “Mais uma vez ela tinha mentido sobre o que a trouxera a Roma. [...] Tinha inventado algo que soava impressionante: palestras como professora visitante em um instituto de estudos clássicos, e nem Navin nem os pais a haviam questionado.” (Lahiri, 2009, p.336). Nesse trecho, é possível observar Hema exercendo sua transitoriedade cultural. Mesmo recorrendo à dissimulação, ela aprende a navegar entre duas culturas distintas. Como exposto na citação, Hema adota comportamentos distintos dentro e fora de casa: externamente, ela se adapta ao contexto cultural predominante, enquanto internamente, ela busca alinhar-se com as expectativas de seus pais e de seu noivo.

Este preceito de dissimulação persiste nas atitudes da personagem Hema, conforme evidenciado no conto “Em terra”, no qual é apresentada uma versão adulta da personagem. Nessa fase, ela adota uma estratégia de vida baseada em mentiras, a fim de transitar nas culturas em que está inserida. Essa habilidade de transição entre culturas é facilitada pelo fato de seus pais sempre ouvirem dela o que desejam ouvir, sem questioná-la. O contraste entre a percepção dos pais e a realidade da vida da personagem é ainda mais acentuado no trecho de “Em Terra”: “Seus pais imaginavam

que ela fosse solteira porque era tímida, dedicada demais aos estudos [...] "(Lahiri, 2009, p. 340) onde podemos compreender a discrepância do comportamento secreto da personagem, que é completamente contrário ao que os pais conhecem. Os pais de Hema têm uma imagem muito clara e fixa da filha: uma jovem tímida e dedicada aos estudos. Essa visão sugere uma pessoa reservada, que prioriza os estudos sobre qualquer outra atividade, especialmente relacionamentos amorosos." [...] Durante todos esses anos, eles não faziam ideia de que ela estivesse envolvida com alguém, muito menos com um homem casado." (Lahiri, 2009, p. 340) a citação revela a verdadeira situação da personagem, que mantém um relacionamento com um homem casado. A frase "eles não faziam ideia" enfatiza a completa falta de noção dos pais sobre a vida de Hema.

No decorrer da narrativa, Hema dá um fim ao relacionamento com Julian. Esse fim marca o desprendimento de Hema com o seu passado,

Agora ela estava livre dos dois, livre do seu passado e livre do seu futuro em um lugar onde tantas épocas diferentes conviviam lado a lado como convidados em uma festa cheia. Estava sozinha, com seu trabalho, sozinha no seu exterior pela primeira vez na vida, consciente de que sua existência solitária estava perto do fim." (Lahiri, 2009, p. 341)

Aqui permite que Hema se distancie emocionalmente de seu passado, marcado por Julian e também acaba se distanciando do seu futuro representado por Navin. Podemos ler essa citação de Lahiri () como uma demonstração de Hema se libertando de seu passado e futuro, encontrando-se em um estado de liberdade inédita. Ela está sozinha, mas consciente de que sua solidão é temporária, o que sugere um momento de introspecção. O contraste entre seu isolamento presente e a iminente mudança em sua vida enfatiza a transitoriedade de suas circunstâncias e a complexidade emocional que circunda a identidade dela nas mais diversificadas esferas de relacionamentos - aqui pontuamos a familiar, a com Kaushik e os relacionamentos amorosos. Essa liberdade recém-descoberta permite a Hema refletir sobre suas escolhas e preparar-se para as próximas etapas de sua vida.

Assim, "Em Roma, saboreou o próprio isolamento, e mergulhou sem esforço na rotina silenciosa de seus dias" (Lahiri, 2009, p. 34). Esse excerto revela como Hema encontra em Roma um refúgio onde pode deleitar-se com seu isolamento e se distanciar das divisões culturais que a marcaram. Não existem mais influências culturais ao seu redor, seja a estadunidense ou a indiana. Distante de tudo e de todos, ela se imerge na serenidade de sua nova rotina, permitindo-se um espaço de reflexão e autodescoberta. O ambiente silencioso de Roma pode representar o desligamento com os questionamentos identitários de seu passado, oferecendo-lhe uma oportunidade de viver sem os enfrentamentos e o cruzamento das duas culturas que a personagem transita. Este afastamento cultural e geográfico simboliza sua emancipação das expectativas e conflitos anteriores.

Posteriormente, a narrativa é marcada pelo reencontro de Hema e de Kaushik em sua fase adulta. Assim, sobre esse reencontro, "Desde o instante em que eles chegaram juntos [...] todos os outros convidados presumiram que fossem velhos amigos. Um dos convidados chegara inclusive supor que fossem amantes" (Lahiri, 2009, p. 355), desse modo, a citação revela como os outros convidados, ao vê-los juntos, presumem uma intimidade profunda, sugerindo que eles compartilham uma história que transcende o tempo, pois mostra a intimidade entre os dois personagens.

Essa percepção externa destaca o impacto de familiaridade do que Hema se recorda como lar na sua infância.

Essa ideia de lar é vista pelo fato de que, quando criança, Hema nutriu sentimentos por Kaushik. Esse sentimento que foi nutrido na infância aflora na fase adulta ao reencontrá-lo. No trecho “Somente os beijos dele, beijos fortes e agressivos, que não se pareciam em nada com o comportamento de colegial de Navin a sua porta, fizeram Hema se sentir culpa.” (Lahiri, 2009, p. 357- 358) compreendemos a intensidade dos beijos de Kaushik, contrastando com o comportamento recatado de Navin, evocando em Hema sentimentos de culpa e ressalta o choque cultural, pois apresenta a dualidade vivida por ela no decorrer da narrativa. Enquanto Navin pode representar as expectativas tradicionais e conservadoras, Kaushik personifica a paixão e a liberdade do Ocidente. Essa dinâmica sublinha a profunda conexão emocional e física entre Hema e Kaushik, destacando a complexidade de seus sentimentos e a tensão entre as influências culturais conflitantes em sua vida, uma vez que Kaushik destaca esse conflito entre-cultura que a personagem vivencia, isto é, desde o início da narrativa dos contos ele demonstra um comportamento desalinhado com ambas as culturas, enquanto Hema transita entre as duas devido a influência de seus pais.

Em seguida, é dito por Hema o seguinte: “Você é um covarde” [...] Ele lhe dissera para não se casar com Navin, mas não lhe pedira para se casar com ele, e Hema sabia que não era uma troca justa.” (Lahiri, 2009, p. 368), esta relação entre Hema e Kaushik culmina em uma tensão irreconciliável: Hema busca estabilidade e pertencimento através do casamento, enquanto Kaushik permanece incapaz de criar raízes. A acusação de covardia que Hema lança a Kaushik reflete sua frustração diante da incapacidade dele de se comprometer. Ele lhe pede para não se casar com Navin, mas não oferece uma alternativa concreta à Hema. Para Hema, o casamento representa um anseio por identidade e segurança cultural, algo que Kaushik não pode proporcionar. Esse impasse evidencia a incompatibilidade de seus desejos e realidades, selando o fim de um relacionamento em que a busca por pertencimento de Hema e a incapacidade de Kaushik mudam o desfecho do destino de ambos, qual Hema volta para se casar com Navin.

Posto isso, entendemos que Hema, na narrativa, enfrenta um conflito cultural significativo, representado pela dualidade entre sua herança indiana e sua vida nos Estados Unidos. Essa dicotomia a coloca em um “entre-lugar”, onde ela não se encaixa completamente em nenhuma das culturas. Esse sentimento de não pertencimento é evidenciado em suas ações e escolhas ao longo da história, como quando ela se distancia de Julian e, posteriormente, de Navin. Além disso, Kaushik pode ser interpretado como um reencontro de Hema com seu passado, destacando a dissonância cultural entre o desejo de pertencimento e a recusa em se enraizar. Esse encontro simboliza a dualidade entre a busca de Hema por estabilidade e identidade cultural e a incapacidade de Kaushik em estabelecer vínculos duradouros. Essas decisões refletem não apenas uma busca por liberdade emocional, mas também por uma identidade cultural mais autêntica e pessoal. Essa jornada de autodescoberta e libertação de amarras culturais é um tema central na narrativa, mostrando como Hema está constantemente navegando entre dois mundos, buscando seu lugar e sua identidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho teve como foco analisar a personagem Hema e a maneira com que ela transita entre culturas na segunda parte do livro *Terra Descansada*. Inicialmente, a obra de Lahiri (2009) aborda os desafios enfrentados pela segunda geração de imigrantes bengaleses em sua busca por identidade entre culturas. No que concerne às relações familiares e ao choque cultural, a pesquisa enfatiza os pais da personagem, que exemplificam os conflitos de viver em uma cultura diferente da sua de origem, ou seja, as condutas de Hema são espalhadas nas escolhas da personagem.

Por meio da análise dos contos, é possível discernir a presença das complexas dinâmicas de pertencimento e não pertencimento nas ações de Hema ao longo da história. Em consonância com nossa problematização, torna-se evidente que a personagem não se encontra a uma única cultura, uma vez que sua identidade é moldada pelo ambiente e influências ao seu redor, incluindo a sociedade em geral e sua própria família. Essa intersecção de culturas e a busca por identidade ressoam como temas centrais, destacando a experiência multifacetada da personagem e do leitor.

Com base em nossos objetivos com este estudo, constatamos que foram plenamente alcançados, o que se justifica pela maneira como a narrativa retrata Hema transitando entre as culturas americana e indiana. Além disso, exploramos de forma abrangente todas as perspectivas propostas, que incluem a dinâmica familiar, o choque cultural e as complexas relações que envolvem o sentimento de pertencimento e não pertencimento, permitindo-nos identificar Hema como uma personagem que vive em um "entre-lugar".

Ao longo da análise, ficou evidente que a história de Hema serve como um espelho para as experiências de muitos que vivem em contextos similares de transição cultural - proposta da literatura refletindo a realidade. A dualidade de sua identidade reflete não apenas sua luta pessoal, mas também a luta de muitos que se veem divididos entre culturas distintas. Assim, ao compreendermos a jornada de Hema, leva-nos a compreender a realidade de muitos imigrantes que vivenciam essa realidade.

Este estudo se faz relevante por contribuir de forma pertinente sobre a abordagem de questões sociais e universais relacionadas à identidade e ao pertencimento cultural. A partir dessas constatações, reafirmamos a importância de conectar a literatura aos contextos de aprendizagem sobre o outro, seja na literatura ficcional ou na que retrata, de certa forma, a realidade do autor. A análise de obras literárias dessa natureza revela a vastidão do campo de aprendizado e evidenciou o papel significativo desempenhado pela personagem Hema na compreensão do pertencimento através da diáspora. Isso ressalta a urgência de explorar mais a fundo os temas no livro *Terra Descansada*. Esperamos que este estudo possa contribuir para as reflexões existentes e estimular outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Débora Pereira Miranda de. **A tradução cultural do sujeito diaspórico nas obras intérprete de males e terra descansada**, de Jhumpa Lahiri. 2019.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução Eliana L.L. Reis, Gláucia R. Gonçalves e Myriam Ávila. Belo Horizonte; Editora da UFMG, 2003.

Bonnici, T. 2006. **Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês**. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 2006, p. 13-25.

BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

ECO, U. **Ensaio sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003

RIBEIRO-DE-SOUSA, Celeste. "Pertencimento/não pertencimento" Franz Kafka: um exemplo a ser lembrado. **Estudos Avançados**, v. 35, p. 63-80, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GHOLIPOUR, Mojtaba; SANAHMADI, Mina. A Postcolonial Perspective on the Short Stories of Jhumpa Lahiri. **International Journal of Humanities and Management Sciences (IJHMS)**, v. 1, n. 1, p. 54-56, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A editora, 1992.

KRAMSCH, Claire. **Language and culture**. AILA review, v. 27, n. 1, p. 30-55, 2014.

LAHIRI, Jhumpa. Terra descansada. **São Paulo: Companhia das Letras**, 2009.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MORICONI, Lucimara Valdambri. **Pertencimento e identidade**. Campinas, SP:[sn], 2014.

Ribeiro-de-Sousa, C. "Pertencimento/não pertencimento" Franz Kafka: um exemplo a ser lembrado. **Estudos Avançados**, 2021, p. 63-80

ELIOT, T. S. **Notas para a definição de cultura**. Editora Perspectiva 1988

Eco, Umberto. **Sobre a literatura** (E. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Record, 2003.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar a minha mais sincera gratidão a José Laelson da Silva, pois o seu apoio, companheirismo, amor, palavras e olhar inspirador foram fundamentais durante toda essa jornada. Suas palavras de encorajamento e sua presença nos momentos difíceis foram um verdadeiro presente, e sou profundamente grata por ter você em minha vida.

Gostaria também de estender meus agradecimentos aos professores Jenison Alisson, Auricélio Fernandes e William Sampaio, cujo compromisso e dedicação foram indispensáveis para o meu desenvolvimento. A paciência, o conhecimento e o incentivo fornecidos por vocês fizeram uma enorme diferença na minha trajetória.

Não posso deixar de mencionar meu profundo agradecimento ao meu orientador, José Vilian Mangueira, cuja orientação, sabedoria e apoio foram essenciais para o sucesso deste trabalho. Sua dedicação e orientação foram verdadeiramente inspiradoras e marcaram profundamente minha jornada acadêmica.

Além disso, gostaria de agradecer imensamente a todos os meus amigos, cujo apoio e companheirismo foram necessários durante toda essa jornada. Vocês estiveram ao meu lado nos momentos bons e ruins, e por isso sou profundamente grata. Cada gesto de amizade e cada palavra de encorajamento fortaleceram meu caminho, dedico à: Jack, One, Danilo, Anderson, Isabelly e Luan. Espero ter a oportunidade de retribuir suas gentilezas.